

## **“DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER” (Mc 6,37; Mt 14,16b; Lc 9,13) Comprometam-se socialmente!**

João Luiz Correia Júnior  
Gregorina de Sousa e Silva

O tema do “compromisso social” tem sua pertinência, sobretudo nos tempos atuais, em que nos deparamos corriqueiramente com graves problemas sócio-político-econômicos: milhões de pessoas em idade produtiva, fora do mercado de trabalho... Outras tantas, em idade escolar, excluídas da formação básica e profissional. No campo e na cidade, são mulheres e homens sem terra, sem teto, sem dignidade, sem futuro...

Ao lermos a Bíblia, encontramos problemas semelhantes, guardadas as devidas proporções: miséria, fome, doenças físicas e mentais, multidões abandonadas “como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Porém, chama a atenção o fato de que a fé em Deus, propalada pelas Sagradas Escrituras, impõe uma exigência (imperativo ético): deve expressar-se concretamente em gestos concretos, fundamentados no amor solidário.

De fato, a fé em Deus (o Deus do Antigo Israel, o Deus de Jesus) não deve ser uma mera abstração intelectual, um acreditar estéril, intimista e egocêntrico, tão próprio de muitos movimentos eclesiais do tempo presente. Fé em Deus, no sentido bíblico, é confiança firme (uma entrega radical) que se expressa no compromisso com um projeto maior de defender e promover a causa da vida, cuja meta é instaurar uma sociedade justa e fraterna (Reino de Deus), por meio do amor solidário.

Jesus de Nazaré, o Mestre judeu que se tornou fundamento da religião cristã, em seu testemunho e em seus ensinamentos vivenciou essa fé no Deus da Vida, a ponto de solidarizar-se com a causa das multidões excluídas, ensinando pedagogicamente a seu discipulado a comprometer-se socialmente. Tais ensinamentos, sem dúvida, tiveram forte repercussão, porque traziam uma crítica contundente aos poderes públicos e à mentalidade da época, em que a causa dos empobrecidos não interpelava as consciências.

“Dai-lhes vós mesmos de comer”, frase encontrada nos três Evangelhos Sinóticos (Mc 6,37; Mt 14,16b; Lc 9,13), título deste artigo é, portanto, um imperativo ético, palavra interpelativa pronunciada por Jesus para os ouvidos do discipulado. Tais palavras deveriam, mais do que nunca, ressoar em nossa mente e mover nosso corpo em direção às pessoas concretas com as quais nos deparamos de tantos modos ao nosso redor, pessoas que encarnam os graves problemas sociais dos nossos dias.

A frase interpelativa de Jesus, “Dai-lhes vós mesmos de comer”, está inserida na narrativa da partilha do pão e dos peixes. Essa narrativa encontra-se nos quatro Evangelhos: em Marcos (duas vezes: Mc 6,34-44; 8,1-9); em Mateus (14,13-21); em Lucas (9,12-17) e João (6,1-13). Curiosamente, neste último Evangelho, a frase foi omitida.

Tomemos aqui, neste artigo, o texto de Mc 6,34-44. A opção por Marcos é porque esse Evangelho é “a primeira narração escrita mais elaborada do evento-Jesus”<sup>1</sup>:

<sup>34</sup>Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas.

<sup>35</sup>Sendo a hora já muito avançada, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “O lugar é deserto e a hora já muito avançada.

<sup>36</sup>Despede-os para que vão aos campos e aldeias vizinhas e comprem para si o que comer”.

<sup>37</sup>Jesus lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Disseram-lhe eles: “Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?”

<sup>38</sup>Ele perguntou: “Quantos pães tendes? Ide ver”. Tendo-se informado, responderam: “Cinco, e dois peixes”.

<sup>39</sup>Ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a relva verde.

<sup>40</sup>E sentaram-se no chão, repartindo-se em grupos de cem e de cinqüenta.

<sup>41</sup>Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhos distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos.

<sup>42</sup>Todos comeram e ficaram saciados.

<sup>43</sup>E ainda recolheram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixes.

<sup>44</sup>E os que comeram dos pães eram cinco mil homens<sup>2</sup>.

Essa unidade narrativa (perícopo), em sua estrutura interna, pode ser dividida em três partes ou subunidades: abertura (6,34), desenvolvimento (6,35-41) e conclusão (6,42-44). Assim, vejamos:

### **1. Abertura da narrativa da partilha dos pães e dos peixes (Mc 6,34)**

Em 6,34 temos a repercussão da situação do povo na pessoa de Jesus: profunda compaixão, que leva à ação solidária:

“Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas”.

No versículo 34 encontramos um esquema em forma de quiasmo ou quiasma, isto é, construção de orações resultante do cruzamento de construções normais, muito presentes na literatura bíblica:

1. KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*, p. 151.

2. Seguimos a tradução da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

- (A) Assim que desembarcou (conectivo de lugar/tempo: contextualização, inserção)
- (B) Viu uma grande multidão (contemplação)
- (C) Ficou tomado de *compaixão* (repercussão interior do que viu)
- (B') Pois estavam como ovelhas sem pastor (sofrimento do povo)
- (A') E começou a ensinar-lhes muitas coisas (ação)

A seqüência faz lembrar Ex 3,7-8: “Deus viu a miséria do povo... Ouviu o seu clamor... Conhece as suas angústias... Desceu para libertá-lo”. Jesus é movido pelo mesmo espírito misericordioso do Deus de Israel, que se compadece com a dura situação do seu povo e opta em favor dos que sofrem injustiça social.

“Assim que ele desembarcou...” é um conectivo de lugar/tempo, por meio do qual se abre a perícope. Importante perceber que o que vai ser narrado sobre Jesus acontecerá de forma imediata: assim que ele desembarca, isto é, põe os pés no chão daquele lugar.

Jesus “viu” uma grande multidão. Parece que Marcos faz uma distinção entre “ver” e “olhar”. Na narrativa de cura da mulher com fluxo de sangue, lemos: “Ele olhava em derredor para ver quem fizera aquilo” (v. 32). Ver é algo mais profundo do que simplesmente olhar... Por isso, o que ele viu tem repercussão em seu interior: provoca impacto em Jesus, que será o protagonista de toda cena.

A “multidão” aparece aqui com as seguintes características: a) É constituída de um número elevado de pessoas, o que explica a necessidade de usar o adjetivo *polys*, “grande”; b) Encontra-se à espera de Jesus; c) Suscita nele *compaixão*: no texto paralelo (Mt 9,36) é dito que Jesus teve *compaixão* dela “porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor”.

Marcos utiliza o termo “multidão” (*’óchlos*, em grego) em detrimento da palavra grega *laós*, “povo”. Em seu comentário ao Evangelho de Marcos, Ched Myers demonstra que há estudos no sentido de que Marcos compreendeu o termo *’óchlos*, “multidão”, como sendo análogo à expressão hebraica *’am ha’aretz* (“povo da terra”). O autor lembra que tal expressão, nos tempos pré-exílicos, designava judeus proprietários de terras, mas durante o exílio e depois dele a palavra se referia aos homens comuns deixados para trás na Palestina, que assumiram a propriedade da terra. Depois do tempo de Esdras, o termo passou a significar especificamente a classe mais baixa, pobre, não-educada e ignorante da lei. Se tais estudos estão corretos, conclui Myers, “então merece particular atenção o fato de os rabinos ensinarem que os judeus não deviam participar de refeições, nem viajar junto com os *’am ha’aretz*. Não obstante, Marcos apresenta Jesus fazendo ambas as coisas com *’óchlos*”<sup>3</sup>.

A “*compaixão*” é o eixo gerador de toda ação de Jesus junto à “grande multidão” de pessoas excluídas. Não se trata aqui de um mero sentimentalismo estéril, passivo, desprovido de gesto concreto. Pelo contrário: trata-se de um sentimento interior que

3. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*, p. 198-199.

revolve o mais profundo da consciência diante do sofrimento humano, que leva a ação engajada na transformação da realidade (o que hoje chamaríamos de “compromisso político”, ou de “cidadania”).

Jesus “compadeceu-se”. O verbo grego *splanchnízomai* é derivado do substantivo *splánchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração. São as partes internas do corpo das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como “foi tomado de compaixão” ou “seu coração se comoveu com eles”. Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar a profunda emoção física e emocional da palavra grega para “compaixão”<sup>4</sup>. Assim, a compaixão de Jesus é um sentimento que mexe com a pessoa até às entranhas: é sentir profundamente a partir de outrem, sofrer-com, fazer-se um com o outro de tal modo que a causa do outro termina sendo sua. Jesus ficou tomado de compaixão pela grande multidão, “*pois estavam como ovelhas sem pastor*”. A razão é clara: o descompromisso político com a “grande multidão” por parte de quem, por obrigação, devia cuidar, causa em Jesus tal sentimento profundo...

Essa crítica é muito antiga... Há muito havia sido feita pelas Sagradas Escrituras. Josué será escolhido por Deus sucessor de Moisés “para que a comunidade do Senhor não seja como um rebanho sem pastor” (Nm 27,17). Ezequiel denuncia os líderes do povo que “se alimentam de leite, se vestem de lã e sacrificam as ovelhas mais gordas, mas não apascentam o rebanho”. Desse modo, “por falta de pastor, elas dispersaram-se” (Ez 34,3-4). Ao lamentar o desgarramento em que anda o povo por causa da falsa liderança, diz Zacarias: “Partiram como ovelhas que sofrem porque não têm pastor” (10,2). Jeremias também emprega a expressão “pastor” para designar os líderes e, particularmente, o rei (cf. Jr 2,8; 10,21; 23,1-2). A partir desse contexto preciso, é bastante significativo para o nosso caso o texto de 1Rs 22 (paralelo com 2Cr 18): o profeta Miquéias, filho de Jemla, denuncia o comportamento e os projetos do rei Acab com estas palavras: “Eu vi todo o Israel disperso pelas montanhas como um rebanho sem pastor” (1Rs 22,17). Seus pastores, conforme Ez 34,2.4, “se apascentam a si mesmos... e dominam como dureza e violência”<sup>5</sup>.

Jesus assume para si, como bom pastor, o compromisso de cuidar do rebanho. Imediatamente “*começou a ensinar-lhes muitas coisas...*” Interessante observar aqui o verbo “ensinar”. Não é explicitado diretamente qual ensinamento é dado aos discípulos. Mas, nas entrelinhas do texto, fica claro que o ensinamento é prático: a partilha dos bens, por meio da organização do povo. De fato, ao longo do Evangelho de Marcos, como uma de suas características peculiares, os ensinamentos de Jesus são transmitidos, sobretudo, por meio de gestos concretos, personificando as expectativas messiânicas em torno do enviado de Deus, que vem restaurar a justiça na sociedade.

4. NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*, 1988, p. 49.

5. SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos*. Vol. I: Refazer a Casa, p. 261.

## 2. Conteúdo da narrativa de partilha dos pães e dos peixes (Mc 6,35-41)

Em 6,35-41 podemos perceber o seguinte movimento em torno do tema compromisso/descompromisso, diante da real situação das multidões.

Podemos perceber três partes:

(v. 35-37a) – Descompromisso do discipulado x Exigência para o compromisso

(v. 37b-38) – Questionamentos sobre o como comprometer-se

(v. 39-41) – Orientação de Jesus sobre o que fazer concretamente

Vejam os detalhes literários desse conteúdo.

### 2.1. *Descompromisso do discipulado – Exigência para o compromisso (v. 35-37a)*

Nestes versículos, temos um movimento interessante de ser observado: os discípulos vão até Jesus, preocupados com as multidões. Parece que a causa do povo já os preocupa, mas ainda estão sob a influência da ideologia antievangélica do descompromisso: desejam se desvencilhar de qualquer compromisso com a multidão. Isso está bem expresso na seqüência das orações: a) o lugar é deserto; b) a hora já muito avançada; c) despede-os; d) para que comprem o que comer.

Diante do movimento de desvencilhar-se de qualquer compromisso, a reação de Jesus é justamente o contrário: comprometerem-se (assumirem o problema do povo): “Dai-lhes vós mesmos de comer” (v. 37a).

Temos aqui um imperativo evangélico, que insiste no compromisso ético para que o discipulado cristão assumira o problema das massas excluídas e aja de forma solidária. O serviço (*diaconia*, em grego), que se espera do verdadeiro discipulado de Jesus, consiste em engajar-se na promoção da vida dos que estão abandonados à própria sorte.

### 2.2. *Questionamentos sobre o como comprometer-se (v. 37b-38)*

A reação dos discípulos é carregada de ironia: “Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?” Demonstrem, desse modo, nada compreenderem até agora da boa-nova de Jesus. Trata-se de uma reação típica ao longo do Evangelho de Marcos: seguem Jesus, mas ainda não compreendem suas palavras, seus aconselhamentos e, muito menos, seus imperativos éticos. Como dar de comer a tanta gente? Isso exigiria muito dinheiro!

Segundo Mt 20,2, um denário (moeda de prata) representa o salário de um dia de trabalho. A ração diária de pão para uma pessoa (o necessário para viver durante um dia) custa apenas a duodécima parte (1/12) de um denário). Por aí se percebe que, de fato, era uma grande multidão.

Jesus responde a esse questionamento com outro: “Quantos pães tendes?” Percebemos aqui alguns elementos importantes, próprios de uma pedagogia voltada para a prática da Justiça Social:

- Em primeiro lugar, a paciência pedagógica do Mestre, diante da ignorância evangélica dos discípulos (expresso pela pergunta irônica).
- Segundo, a inteligência da resposta em forma de pergunta, típica dos rabinos ou mestres judaicos: isso remete os discípulos a que eles mesmos encontrem a resposta, com os recursos próprios que dispõem; o que se tem, apesar de pouco e fracionado, pode ser o suficiente; e de fato o será, como percebemos no desenrolar da narrativa, graças ao ensinamento da partilha.

“Cinco pães e dois peixes”, perfaz “sete”. Esse número tem todo um simbolismo na Antiguidade. Tornou-se o número da plenitude, da perfeição. Na Bíblia, tem o seguinte significado:

Sete é expressão da totalidade querida por Deus. A unidade perfeita de tempo divide-se em sete dias; pense-se nos seis dias da criação que terminam e se coroam no sétimo dia (Gn 2,2s). Também o sétimo ano é de especial significado (Ex 23,10s). “Durante sete dias farás a expiação do altar, e o ungarás para consagra-lo” (Ex 29,37); a festa da consagração do templo durava duas vezes sete dias (1Cr 8,65). A palavra hebraica *saba* (“jurar”) vinha das sete coisas sagradas, pelas quais se fazia o juramento. Como símbolo da onisciência, Javé tem sete olhos (Zc 4,10). O candelabro sagrado tem sete braços providos de lâmpadas (Ex 25,37). Repetidamente aparece o número sete na história da salvação: os “sete dias de espera”, após os quais Noé enviou as pombas (Gn 8, 10.12); as vacas gordas e magras e as espigas cheias e vazias do sonho do faraó (Gn 41,1-32); o contorno por sete vezes feito pelos sete sacerdotes na cidade de Jericó (Js 6,4); sete cachos de cabelo davam a Sansão sua força (Jz 16,13); nos tempos messiânicos, o sol brilhará com força sete vezes mais (Is 30,26). Diante do trono do Senhor encontram-se sete espíritos, que são chamados também de sete lâmpadas de fogo (Ap 1,4; 4,5). O rolo de livros, selado por sete vezes, indica a perfeição do desígnio divino, cuja execução foi entregue ao “Cordeiro” de sete chifres, e sete olhos (Ap 5,1.6). Aparecem, além disso, nas visões apocalípticas sete trovões, sete trombetas, sete gritos de ira, etc<sup>6</sup>.

Assim, o número “sete” é o prenúncio de um novo tempo, tempo messiânico, em que todos devem colaborar para que a solução dos problemas cruciais da sociedade, tal como a falta de pão, seja solucionada por meio da mobilização de todos, utilizando os recursos que temos em mãos, provenientes do próprio povo.

### 2.3. *Orientação de Jesus sobre o que fazer concretamente (v. 39-41)*

A partir de agora, Jesus age com “autoridade”. A palavra que sai da boca é uma ordem: “Ordenou-lhes...”. O que vai ser orientado é algo decisivo no desenrolar da narrativa, algo fundamental para a sobrevivência das multidões, algo que define o que realmente significa estar no seguimento (discipulado) de Jesus.

6. LUKKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos*, p. 227-228.

A ordem é que os discípulos fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a relva verde, para, em seguida, efetuar a distribuição dos pães e dos peixes. Temos aqui, claramente, a missão do discipulado, que consiste concretamente em:

- 1) Escutar e, prontamente, pôr em prática as orientações de Jesus;
- 2) Facilitar a organização popular;
- 3) Assumir a condição de serviçal, isto é, dos que têm a missão de servir.

Desse modo, o discipulado de Jesus é chamado a compreender que o conteúdo central de sua missão consiste em satisfazer as necessidades primárias e urgentes do seu povo, por meio da organização e da partilha dos bens. “Dar de comer” é, portanto, símbolo desse serviço (*diaconia*), exercício constante da missão apostólica.

A ação do discipulado é fundamental, desde que siga atentamente as orientações de Jesus. Ele é, de fato, o protagonista da narrativa. É Jesus que provoca a multiplicação dos pães e dos peixes: eleva os olhos aos céus, abençoa o que se tem e dá para que seja distribuído. Trata-se da prece de louvor e de ação de graças que acompanha a fração do pão na liturgia da mesa do judaísmo de então, assim como na liturgia eucarística cristã, na qual este rito assume um sentido novo. A bênção fornece ocasião de recordar os benefícios de Deus a seu povo.

Importante notar que se reparte o que se tem: pães e peixes, provenientes do trabalho das pessoas daquela região, por meio da agricultura e da pesca. Com as bênçãos de Deus, o que é produzido pelo trabalho humano é suficiente para todos, desde que seja partilhado segundo as orientações de Jesus.

### **3. Fechamento da narrativa da partilha dos pães e dos peixes (Mc 6,42-44)**

O final da narrativa evoca a realização dos esperados tempos messiânicos: um tempo de bênçãos, no qual: a) todos comem... b) ficam saciados... c) e ainda há sobras... d) e eram milhares de pessoas.

A abundância de bens para as necessidades básicas do povo é tema presente na Bíblia, desde Ex 16,8.12.23, no episódio do maná no deserto, sob orientação de Moisés. É um sonho acalentado por Israel ao longo de sua história. No Salmo 78,29 lemos: “Eles comeram e ficaram bem saciados”. O profeta Elias, seguindo as ordens de Deus, chegou a multiplicar vinte pães para cem pessoas: “Comeram e ainda sobrou” (2Rs 4,43-44).

Na narrativa de Marcos, tal como percebemos em Mc 6,34-44, Jesus é ainda maior que Moisés (Ex 16) e maior que Eliseu (2Rs 4,1-7.42-44), dois grandes personagens do Antigo Testamento que representam respectivamente a Lei e os Profetas (mais adiante, em Mc 9,2-8, os três estarão em pleno diálogo na narrativa da Transfiguração). Jesus é maior porque, como percebemos pela grandiosidade do que é narrado, dá início definitivo aos tempos messiânicos.

“A abundância que o Messias vem provocar se torna possível na História na medida em que novas atitudes e novos comportamentos surjam no meio da massa

necessitada: assumir, desalienar-se, organizar-se, partilhar – eis o grande milagre dos tempos messiânicos!”<sup>7</sup>

O tema das sobras, ao exprimir a superabundância dos bens, e indica que, pela mediação dos apóstolos, nada se perde, pois a refeição é recolhida em cestos para ser colocada à disposição de outros convivas. Os “cestos” em que se armazenam as sobras eram de vime rígido, por meio dos quais os judeus carregam suas provisões.

A abundância recolhida em “doze” “cestos cheios” faz lembrar aqui os “doze” “apóstolos” (v. 30), cuja “diaconia” (serviço) sob a orientação de Jesus teve papel fundamental no decorrer da narrativa. Os “doze” representam aqui as doze tribos de Israel (Gn 49,28), isto é, a totalidade do povo de Deus. É a comunidade que, a partir de Jesus, tem como missão servir a todos os povos por meio da mudança de mentalidade que leve a uma nova postura fundamentada na compaixão e na solidariedade, que passa necessariamente pela desalienação da lógica deste mundo, cujo dinheiro é a solução de tudo.

Fica claro, ao longo da narrativa, que chegamos à abundância dos tempos messiânicos por meio dessa consciência nova de que é urgente outra lógica: a da organização popular, na qual o povo passe de multidões sem rumo para povo organizado que partilha os dons que possuem e, dessa forma, viabilizam a abundância, capaz de saciar a todos e ainda poupar para o futuro.

#### **4. Hermenêutica da narrativa da multiplicação dos pães e dos peixes**

Hermenêutica é o correlato do termo “interpretação”. O ato hermenêutico, segundo Severino Croatto, faz crescer o sentido do texto que se interpreta<sup>8</sup>. Passemos, portanto, à hermenêutica de Mc 6,36-46, objeto do nosso estudo, ressaltando alguns aspectos interessantes, interpretados a partir dos grandes desafios do tempo presente.

##### *4.1. A necessidade da inserção: estar atento aos apelos das multidões excluídas*

Como dissemos antes, ao analisarmos Mc 6,34, parece que o texto de Marcos faz uma distinção entre “ver e olhar”: ver é algo mais profundo, que provoca um impacto interior (compaixão) capaz de levar à “ação”, gestos concretos de solidariedade.

Os desafios sociais das multidões excluídas estão aí, não só para serem olhados à distância (pelos meios de comunicação social), mas para serem vistos em profundidade, em suas causas históricas e em seus efeitos sociais que, por sua vez, causam os problemas tão conhecidos por nós, tais como o da violência generalizada.

O texto de Marcos parece sugerir, a partir da atuação de Jesus, que seus discípulos e discípulas devem estar atentos àqueles que estão sendo despojados da consciência, aos que vivem submetidos a outros, aos oprimidos, aos colocados à margem da so-

7. SOARES, S.A.G.; CORREIA JÚNIOR, J.L. *Evangelho de Marcos*, p. 266.

8. CROATTO, Severino. *Hermenêutica bíblica*, p. 9-10.

cidade e àqueles que não têm voz nem presença no conjunto das nações, aos que não têm pão para comer, roupas para vestir, teto para se abrigar; enfim, aos pobres, que são todos aqueles cuja auto-estima se encontra no nível baixo por causa do descaso no reconhecimento de sua existência humana.

Na pregação de Jesus de Nazaré, os representantes de Deus no mundo e os herdeiros de seu Reino são os que se encontram famintos e doentes, os sem roupas e sem liberdade (Mt 35,34s). Neles, Deus deixou de ser o ‘todo-poderoso’ e se fez amigo, servo sofredor e irmão”<sup>9</sup>.

Hoje, novamente, volta-se a atenção para as massas excluídas, os empobrecidos sociais, não só como objeto de estudo, mas, sobretudo, como opção por sua causa, que no fundo determinará a nossa realização humana. Não pode haver humanidade, no sentido pleno da palavra, quando milhões de seres humanos são literalmente dizimados. Urge, portanto, uma inserção nessa causa, que é de todos nós.

#### 4.2. *Sentimento de impotência versus exigência ética de compromisso*

Diante do caos social em que vivemos (multidões excluídas da vida com dignidade), o primeiro sentimento que nos envolve é o de profunda impotência. Que fazer? Como ajudar?

Os desafios são tão grandes que logo tentamos nos esquivar, jogando a culpa no governo e ou fingindo que, diante de tal situação, nada podemos fazer. O texto de Marcos 6,34-44 interpela para que o discipulado de Jesus se comprometa em ajudar de alguma forma. Hoje, diríamos que, a partir da nossa fé em Jesus, temos o compromisso de superar o sentimento de impotência, por meio de uma inserção ética na causa da luta por melhorias na qualidade de vida para toda a sociedade.

Na Conferência Latino-americana dos Bispos católicos, realizada em Medellín (1968), como repercussão positiva do Concílio Vaticano (1962-1965), já se insistia na necessidade de uma leitura contextualizada dos sinais dos tempos, numa busca de compromisso com a realidade humana, provocados pelos princípios éticos dos ensinamentos de Jesus. Assim lembra o teólogo Paulo Suess:

Medellín procura lembrar o olhar do magistério latino-americano para as grandes causas de 1968, nas quais se entrelaçam os extremos do século, vencedores e vencidos, conquistas da modernidade e perdas em forma de miséria e desequilíbrio social. A profética ‘opção pelos pobres’ de Medellín necessita de uma segunda opção, da ‘opção com os pobres’, da ‘opção pela plena participação dos pobres’ na reconstrução da sociedade e na formação constante da Igreja<sup>10</sup>.

9. SUESS, Paulo. *Travessia com esperança*, p. 67.

10. SUESS, Paulo. *Travessia com esperança*, p. 68-93.

Desse modo, é fundamental superar todo tipo de desculpas ou culpabilização dos outros diante dos problemas que aí estão. Temos que arregaçar as mangas e dar a nossa parcela de contribuição na busca da Justiça Social.

#### *4.3. Usar os talentos que se tem para o serviço solidário*

“Quantos pães tendes? Ide ver!” O texto sugere, dito pelo próprio Jesus (o que se propõe como algo fundamental) que se deve usar do que se tem em mãos para, a partir daí, prestar serviço generoso e solidário.

A proposta feita por Jesus quando anunciou o seu Reino, tinha uma exigência fundamental: que todos fossem capazes de partilhar e viverem a prática da justiça, em outras palavras, que procurasse viver a prática da solidariedade. O amor solidário na pessoa de Jesus se entrelaça à dimensão do gesto e à dimensão da Palavra; uma completa a outra, uma explica a outra. A atitude solidária de Jesus é a partilha, um modo que leva à perfeição do Pai. Partilhar foi sempre ato livre, resposta livre. São Paulo lembra que a coleta em favor dos pobres é um dever apostólico. Lembrar-se dos pobres provoca entre os fiéis o dom da partilha (1Cor 16,1-3).

Agir solidariamente a partir do que se tem significa que podemos colocar nossas aptidões, nossos talentos, nossas habilidades, a serviço das pessoas, por exemplo, através de algum tipo de voluntariado, tanto em Instituições eclesiais, quanto em Instituições Governamentais ou ONGs – Organizações Não-Governamentais. Assumir a solidariedade torna-se uma atualização do ideal do Reino de Jesus. Partilhar é ser solidário.

Agir de forma organizada é uma proposta necessária. O discipulado de Jesus é chamado a assumir a condição de servir à organização da partilha. Organizar o povo para que, de forma inteligente, os resultados sejam alcançados além das expectativas.

#### *4.4. Seguir uma práxis*

Práxis é a transcrição da palavra grega que significa “ação”. Com este termo, Engels se referia à reação do ser humano às condições materiais da existência, sua capacidade de inserir-se nas relações de produção e de trabalho, para transformá-los ativamente.

O trabalho junto às multidões excluídas exige uma pedagogia apropriada. Para as pessoas que não professam fé religiosa, há muitas formas ao alcance que facilitam e orientam a atuação prática, verdadeiros métodos de trabalho. É preciso estar atento, em constante reciclagem. Isso vai gerando uma práxis avaliada, corrigida, reorientada.

Pela análise da perícopes, vimos que a narrativa da “multiplicação dos pães e dos peixes” apresenta uma práxis válida para todos os discípulos e discípulas de Jesus:

a) Escutar e, prontamente, pôr em prática as orientações de Jesus

Os discípulos e discípulas de Jesus têm em mãos as Sagradas Escrituras e toda a Tradição da Igreja, que servem de orientação para a caminhada na vida hoje. É urgente

escutar tais orientações e pô-las em prática, diante do grave quadro de injustiça em que estamos todos inseridos. Como afirma Paulo Suess:

“O caminho dos cristãos está marcado pela urgência do aqui e agora, e pela misericórdia para com os mais lentos. O sofrimento do pobre não permite atrasos burocráticos, mas o pobre atrasado exige misericórdia”<sup>11</sup>.

Na Igreja Católica, por exemplo, temos a Doutrina Social da Igreja, que diante dos desafios socioeconômicos e políticos de diversas índoles busca captar as dimensões éticas dos problemas humanos, identificando as responsabilidades do ser humano e aguçando, a partir da fé, o sentido moral do seu agir.

b) Facilitar a organização popular para que todos tenham o necessário para viver com dignidade

Nesse sentido, é necessário buscar alianças com “pessoas de boa vontade”, aquelas que embora não professe fé religiosa, estão imbuídas na construção de uma sociedade justa e igualitária. Nessa linha, o Concílio Vaticano II já nos incentivava a que nos coloquemos todos em permanente reflexão sobre a pessoa humana, em vistas da necessitada urgente e inadiável da promoção do bem comum.

“A interdependência cada dia se estreita mais e difunde pouco a pouco no mundo inteiro. Segue-se daí que o bem comum – ou o conjunto daquelas condições da vida social que permitem aos grupos e cada um de seus membros atingirem de maneira mais completa e desembaraçadamente a própria perfeição – torna-se hoje cada vez universal e implica por consequência direitos e deveres que dizem respeito a todo gênero humano. Qualquer grupo deve levar em conta as necessidades e aspirações legítimas dos outros grupos e, ainda mais, o bem comum de toda a família humana” (*Gaudium et Spes*, n. 26).

As instituições particulares ou públicas se esforcem por servir a dignidade. É necessário que estas instituições pouco a pouco se adaptem às exigências necessárias da evolução do tempo, sem esquecer dos valores humanos.

Unindo-nos aos esforços de todas as pessoas de boa vontade, sem dúvida, temos interessante oportunidade de melhor testemunhar nossa fé em Deus, por meio dos ideais cristãos de solidariedade e partilha.

c) Agir como simples serviçais, essência da diaconia cristã

Diaconia é, como sugere a perícopé estudada, serviço social. Diaconia é engajamento ético-cidadão na causa do bem comum. É o que se chama hoje de cidadania.

“Os cristãos nada podem mais ardentemente do que prestar serviço aos homens do mundo de hoje, com generosidade sempre maior e eficaz. Deste modo, ade-

11. SUESS, Paulo. *Travessia com esperança*, p. 93.

rindo fielmente ao Evangelho e alimentados com suas forças, unindo-se a todos que amam e praticam a justiça” (*Gaudium et Spes*, 93).

Ser cidadão é ser chamado às responsabilidades para lutar pela defesa da vida com qualidade. Não podemos ser omissos ou indiferentes às causas sociais.

Agir no campo formal e no campo informal, através do sistema regular de ensino (área educacional fundamental, médio e superior) e de movimentos, associações e ONGs, ajuda a semear e cultivar a proposta de Jesus de Nazaré. Implementar programas de formação e educação cristã através dos meios de comunicação em massa também é dever nosso.

#### d) Colocar tudo sob as bênçãos de Deus

Isto significa que, na práxis cristã, é fundamental uma constante avaliação da prática, segundo os critérios apresentados pelo Mestre Jesus nos Evangelhos. Nesse processo pedagógico, o discipulado vai, como diz Isaías, aprendendo a fazer o bem, mudando de mentalidade. A lógica não é mais do sistema dominante, mas a do Reino de Deus: “Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva” (Is 1,16-17; Am 5,16-15).

#### 4.5. O resgate da utopia de uma “terra sem males”

A abundância presente no final de Mc 6,42-44 remete o leitor para o tema das expectativas dos tempos messiânicos, em que todos terão vida, e vida em plenitude (conforme Jo 10,10).

A utopia (do grego u-topos, “não lugar”) é algo que ainda não se concretizou plenamente, mas que, de algum modo, já está presente em nossos anseios mais profundos e em nossas pequenas ações cotidianas que viabilizam projetos humanitários. A verdadeira mudança social tem chance de acontecer através de minorias organizadas à luz do evangelho de Jesus.

A utopia cristã é, desse modo, um projeto de vida que nos leva a uma profunda consciência dos problemas da humanidade. Recordamos, aqui, o exemplo de Dom Hélder Câmara, que tanto incentivou e viabilizou ações organizadas em prol da Justiça Social (um exemplo foi a “Comissão de Justiça e Paz” da Arquidiocese de Olinda e Recife e, posteriormente, o “Centro Dom Hélder Câmara”, CENDHEC, que se inspirou naquela iniciativa pioneira de Dom Hélder).

Desse modo, comprometer-se com a desigualdade social é dever e todo cidadão, formando grupos organizados, compostos por pessoas que lutam, contra toda desesperança, por um mundo novo, numa sociedade renovada de valores, aberta inclusive aos desafios dos novos pobres que estão aí, ao nosso redor:

“Chamam-se ‘novos pobres’ os que são segredados por uma sociedade de abundância e bem-estar. Os que não são convidados ao banquete ou à distribuição de novas riquezas que vão sendo colocadas nas mesas ou nas ruas. São os que pro-

duzem os que os outros esbanjam, são os condenados a uma vida que não é vida ou a uma morte que não pode ser causada pela lógica que impõem os atuais mecanismos de produção, distribuição ou financiamento”<sup>12</sup>.

O compromisso com os empobrecidos e empobrecidas de nossa sociedade resgata, na prática, a utopia de uma terra sem males, em que todas as pessoas tenham vida e dignidade. Encontramos, dentro de nós mesmos, essa força, essa energia que nos impulsiona a não perdermos a esperança. Tal poder impele a nos engajarmos na prática da solidariedade e do amor. O Deus que animou Jesus nos interpela a caminhar.

### **Observações finais**

Nas entrelinhas da narrativa de Mc 6,36-46, percebemos um Jesus que, por seu testemunho e pelos seus ensinamentos práticos, põe um desafio para seus discípulos e discipulas: transformar a realidade social com um trabalho criativo, solidário, amoroso, que promova o bem comum. Assim, “Dai-lhes vós mesmos de comer” (6,37) sugere o compromisso social que se manifesta na partilha dos talentos pessoais e dos bens materiais em prol da sociedade.

A construção do Reino de Deus se dá quando, de algum modo, conseguimos enfrentar o sistema baseado no dinheiro (compra e venda), quebrando a lógica da acumulação do capital por meio da *partilha*. A prática cristã que se espelha na prática de Jesus terá de se voltar, portanto, para a promoção da vida comunitária, a fim de que satisfaça as necessidades primárias e fundamentais de cada ser humano em particular, comprometendo-o com o bem-estar da maioria.

Isso é urgente. A fome tem pressa. Por isso a frase “Dai-lhes vós mesmos de comer” (6,37) soa como um imperativo ético para todas as pessoas. Para quem professa a fé cristã inspirada nos ensinamentos de Jesus o compromisso adquire uma motivação ainda maior: motivação amorosa, em sintonia profunda com o Deus de Jesus, Iahweh, o Deus da Vida, que não tolera o sofrimento humano como consequência da exploração humana:

“Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8).

Interessante notar que, nesta passagem do livro do Êxodo, quando pensamos que Deus vai interferir na história em favor do povo sofrido que escolheu como “seu”, envia Moisés para agir: “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,10).

Tal qual Moisés, Jesus envia seu discipulado: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37). Parece que o ensinamento do Mestre, tal como aprendeu de sua cultura reli-

12. MARTÍN, Rodrigues Francisco. *Jesus, relato histórico de Deus*, p. 66.

giosa, é a de que a libertação, uma nova práxis, a Boa-Nova é possível na medida em que novas atitudes e novos comportamentos surjam no meio da massa necessitada: *assumir, desalienar-se, organizar-se e partilhar*. Tal prática provoca resistência, perseguição e morte, mas permanece como a grande Boa-Nova capaz de comunicar alegria e felicidade (*Shalom*) aos pobres. Sem dúvida, isso, de muitos modos, já está sendo realizado hoje em dia. Precisamos ter olhos para ver.

## Referências

- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Petrópolis: Vozes, 1979, n. 26.
- CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986, p. 9-10.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 2002, 263 p.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 227-228.
- MALINA, Bruce J. *O Evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectivas mediterrâneas*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 157.
- MARTÍN, Rodrigues Francisco. *Jesus, relato histórico de Deus: Cristologia para ouvir e rezar* (Coleção Teologia Atual). São Paulo: Paulinas, 1997.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA, João Luiz Jr. *Evangelho de Marcos*. Vol. I: Refazer a casa (capítulos 1-8). Petrópolis: Vozes, 2002, p. 261.
- SUESS, Paulo. *Travessia com Esperança: Memórias-diagnósticos-horizontes*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 67.

*João Luiz Correia Júnior*  
Rua das Ninfas, 189, apt. 1401, bairro da Soledade  
CEP 50.070.050  
E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br

*Gregorina Sousa e Silva*  
E-mail: gregorinateo@hotmail.com.